

Espaço Público e Política

O espaço da nossa cidade passa hoje por intensas transformações. Existe muito debate sobre obras da copa, viadutos, os custos, denúncias de mau uso de dinheiro público, quem são “os pais” da criança, entre outras notícias. Mas pouco debate sobre o que entendemos por espaço público e sobre o que está acontecendo com o espaço. Como nos apropriamos da nossa cidade? Será que realmente queremos uma cidade para todos?

O desenho de uma cidade é reflexo das forças e tensões que a construíram. Treinando o olhar, pode-se ler nas suas casas, ruas, vegetações (que ainda existem), formas, distâncias e infraestrutura como o poder está distribuído no espaço. Existem barreiras e diferenças econômicas, culturais e sociais que fazem uma cidade segregada. Estas características sociais são então transformadas em barreiras físicas. No passado existiam os castelos que separavam os reis e senhores feudais dos servos. Hoje temos os condôminos fechados, os presídios, as periferias quase inacessíveis (física e psicologicamente), a falta de transporte, cercas elétricas, intolerância, entre outras.

Uma cidade nunca foi para todos e em nosso atual modelo de produção e poder político nunca será. A um só tempo congregamos e afastamos realidades opostas. Jovens ricos e índios miseráveis, playboys e o catador de latas, a patricinha e o mendigo. Não é fácil falar de espaço público, muito menos projetá-lo. Sempre que realizarmos o ato de projetar, revitalizar ou conservar estaremos agindo. E ação tem sempre seu aspecto político. Conscientemente ou não, esta ação será ideologicamente assentada em uma leitura de mundo, como nos vemos no mundo e vemos os outros.

O espaço público representa a esfera pública, que vai além do material, daquele que pode ser desenhado pelo arquiteto e urbanista, faz parte do imaginário, da vida e de como se vive. Esta esfera representa culturas, tradições, línguas, lembranças e além. O espaço é vivido, sentido e apropriado através do corpo. Nosso atual embaraço no espaço público se deve a visão individual que a maioria das pessoas tem. Visão que o sistema econômico instalou no mundo, e tem sua ética fundada no individualismo. Quando quisermos debater sobre espaço público vamos falar em coletividade, união de espaços privados, comunidades, é assim que o individual se torna coletivo. E aqui entra a política e a cidadania.

Foi no clássico, “A Condição Humana”, de Hannah Arendt que despertei pela primeira vez sobre este tema: A relação do espaço público e a política. O espaço público para Arendt permite, pela liberdade e pela comunicação, o agir em conjunto, a geração de poder e sua distribuição. É na cidade (*polis*) que nasce a política, onde as coisas são decididas mediante a palavra e persuasão, não mais através da força (nem sempre é verdade). É na *ágora*, o espaço público por excelência onde se realiza as disputas, discursos, debates e enfrentamentos. Ali o homem se realiza enquanto cidadão, quem não participa da política e deste espaço não é homem, na concepção grega antiga.

Muitas aberrações são encontradas nesta concepção grega, como a não presença das mulheres. Mas a democracia nasce e tem seu símbolo no espaço público. Quando então nos afastamos do debate, da disputa de ideias, da política em si, vamos caindo no discurso de que política não tem jeito, “não é para mim”. Fechamo-nos em nosso universo individual e em

geral consumista, que é mais fácil. Assim se dá a produção espacial que se realiza no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar. E nosso cotidiano hoje não incentiva este uso público do espaço.

Para que os espaços públicos sejam realmente públicos temos que estar dispostos a conviver com a diversidade, com as subculturas, com a disputa, com tantas formas de manifestações que vão muitas vezes nos ofender. Permitir o fluxo e a manifestação de pessoas absolutamente diferentes umas das outras. Sem esta perspectiva participativa e solidária estaremos fadados a projetos elitizados e excludentes.

O espaço público é em essência um local de manifestação individual e coletiva. Pode-se dar nas diversas dimensões políticas (artísticas, educativas, comerciais e outras) e não apenas no discurso. Todas são uma escolha de como vamos e queremos viver. A praça Tahrir no Egito, a praça da Paz Celestial na China e outras vão sempre ser o espaço onde o povo toma para manifestar suas vontades e desejos. Não existe espaço público se não estivermos dispostos a viver em público o que exige a política. Vamos nos envolver com a política senhor@s! Vamos debater o que queremos para nossa cidade.

Espero que nossa próxima conversa seja na praça.

Guilherme Rosa de Almeida

Estudante de Arquitetura e Urbanismo 5º UFMT, janeiro de 2013